

RALED

VOL. 19(1) 2019



ARTÍCULO

Melhor livro para criança em 2016 – Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani – o que diz a crítica?

The best book for children on 2016 - Inês, written by Roger Mello and Mariana Massarani – what says the critics?

MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA

Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Recebido: 15 de maio de 2018 | Aceito: 16 de outubro de 2018

RESUMEN

El objetivo es comprender qué concepciones de niño y lectura atraviesan los discursos de los lectores votantes que premiaron a *Inés*, de Roger Mello y Mariana Massarani como el mejor libro para niños por la Fundación Nacional del Libro Infantil y Juvenil en 2016. Bajo la óptica del Análisis del Discurso foucaultiana se aborda el concepto de enunciado y formación discursiva, considerando estos presupuestos: i) esos lectores son considerados sujetos competentes para asumir la palabra en relación a una literatura de calidad ii) sus opiniones son acontecimientos discursivos; y iii) todo enunciado tiene una materialidad. Elaborar opiniones es un modo de textualizar impresiones, sentidos. La actividad discursiva puede reintegrar conocimientos en los que la tónica es despertar la mirada múltiple del lector. En *Inés*, palabra e imagen se funden, complementan e incorporan datos de la infancia por el lector adulto. Discurso atravesado por relaciones de saber y poder.

PALABRAS CLAVE: *Análisis del discurso, literatura infantil, lectores votantes.*

RESUMO

O objetivo é compreender que concepções de criança e leitura perpassam os discursos dos leitores votantes que premiaram *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani como o melhor livro para criança pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 2016. Sob a ótica da Análise do Discurso foucaultiana abordamos o conceito de enunciado e formação discursiva, considerando estes pressupostos: i) esses leitores são considerados sujeitos competentes para assumir a palavra em relação a uma literatura de qualidade; ii) seus pareceres constituem acontecimentos discursivos; e iii) todo enunciado tem uma materialidade. Elaborar pareceres é um modo de textualizar impressões, sentidos. A atividade discursiva pode reintegrar saberes na qual a tônica é despertar o olhar múltiplo do leitor. Em *Inês*, palavra e imagem fundem-se, complementam-se e incorporam dados da infância pelo leitor adulto. Discurso atravessado por relações de saber e poder.

PALAVRAS CHAVE: *Análise do discurso, literatura infantil, leitores votantes.*

ABSTRACT

The goal is to understand that children's comprehension and reading permeate the speeches of the readers who voted to award *Inés*, written by Roger Mello and Mariana Massarani, as the best book for children by the Book for Children and young National Foundation in 2016. From Foucault's Analysis of speech perspective, we approach the concept of statement and discursive formation

considering these assumptions: i) these readers are considered competent people to assert the word in relation to a quality literature; ii) their opinions constitute discursive events; and iii) every statement has a materiality. Elaborating opinions is a way to turn impressions into texts, senses. The discursive activity can reintegrate knowledge in which the keynote is to awaken the multiple view of the reader. In *Inês*, word and image merge, complement and incorporate data from childhood by the adult reader. Crossed Speech by relations of knowledge and power.

KEYWORDS: *Analysis of speech, children's literature, reading voters.*

Introdução

Histórico e essencialmente qualitativo é o objeto de toda investigação social, que tem como características a provisoriidade, o dinamismo e a especificidade, tendo em vista que a realidade social reflete a dinâmica da vida individual e coletiva, com toda a riqueza de significados dela transcendentais. O objetivo é compreender que concepções de criança e leitura perpassam os discursos dos leitores votantes que premiaram *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani como o melhor livro para criança pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 2016. Assim sendo, daremos a palavra inicial a Foucault, quando trata da educação na sociedade moderna:

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo. (Foucault 2004: 12)

Em vista disso, podemos assegurar que a escola, ainda que de modo precário, é um sistema de apropriação do discurso, já que neste espaço o sujeito adquire competência e autoridade para falar sobre determinados temas. É, pois, através da leitura que questionamos a realidade, e isto equivale a interrogar as condições e possibilidades de ser o que somos para entender o que nos faz ser deste ou daquele modo.

Efetivamente, é no espaço acadêmico que surge uma série de questionamentos e se avolumam em discussões científicas, trazendo à tona outras questões carentes de aprofundamentos. Neste artigo concentramo-nos na leitura de pareceres sobre a obra *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani – livro premiado como o Melhor para Criança, em 2016 pela FNLIJ.¹

Começamos recordando o seguinte texto – *Como selecionar livros para criança*, publicado no informativo *Notícias*,² número 4, em que Eliana Yunes reflete sobre a complexa tarefa de avaliar

-
- 1 Este artigo representa uma pequena parte de relatório científico de estágio pós-doutoral intitulado *Sob a ótica da Análise do Discurso foucaultiana: a literatura infantil para maiores de dezoito anos*. Trabalho realizado na UNESP de Araraquara/SP, o qual teve como propósito compreender os conceitos: enunciado, formação discursiva, dispositivo de saber e de poder presentes no discurso sobre o literário. Constituiu-se *corpus* da referida investigação os pareceres dos leitores votantes no prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2016, sobre quatro obras: *Inês*, de Roger Mello e Marianan Massarani; *Lá e Aqui*, de Carolina Moreyra; *Haicais Visuais*, de Nelson Cruz, e *Jornada*, de Aaron Becker. À luz do que Foucault chama de “a ordem do discurso”, indagamos: De que forma os leitores votantes modalizam aspectos que dizem respeito às concepções de leitura e criança?
 - 2 FNLIJ é a seção brasileira do International Board on Book for Young People (IBBY). Existe desde 1968, com sede no Rio de Janeiro (RJ). Tem como principal compromisso divulgar a produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens, em particular os livros de literatura teóricos sobre a literatura infantojuvenil e informativos. Concede anualmente, há 49 anos, o Prêmio FNLIJ, nas diversas cate-

livros literários infantis. A responsabilidade de escolher, determinar se este ou aquele livro é bom exige um profissional possuidor de conhecimentos advindos de diversos campos do saber que lhes forneçam competência para uma leitura crítica da obra. Nesse sentido, muitas indagações vêm à tona: O que é preciso para tornar-se um leitor crítico? Como se forma um crítico literário? Quais são os pré-requisitos para se exercer tal função? Embora não tenhamos respostas para tantas questões, cremos que analisar uma obra literária requer um leitor que, desde logo, acompanhe os modos de produção do livro literário, suas especificidades e evolução; considere o meio no qual a criança está inserida, seus interesses e perspectivas; saiba a que concepção de infância ele se vincula.

Retomando as palavras de Yunes (1992), quando ela afirma que não há como tornar a crítica inteiramente impessoal e objetiva; ela deve ser uma crítica responsável, explícita, mas não pode desvencilhar-se de quem a emite. E quanto às opiniões do público, diz a autora: “Elas estão aí para serem debatidas face às limitações decorrentes da inserção social da obra e do crítico” (Yunes 1992: s/p). E confirma: “A leitura crítica, que, sem academicismos, todos poderíamos exercer, subscreve as seleções e recomendações” (Yunes 1992: s/p). Yunes afirma que, ao ler, o leitor busca “[...] alcançar um prazer, não um prazer morno e ordinário, mas algo que dê arrepios, leve à percepção nova das coisas, amplie a imaginação e que lhe dê o sentimento do mundo e do homem” (Yunes 1992: s/p).

Tal concepção converge para o que afirma Roland Barthes sobre o texto:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até com certo enfado), faz vacilar as bases históricas, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (Barthes 2004: 20-21).

Cabe-nos fazer uma breve explanação sobre a atividade desenvolvida pela FNLIJ no que se refere à seleção e avaliação das obras. Trata-se de um trabalho voluntário realizado por um grupo de vinte e três especialistas³ em literatura infanto-juvenil, que residem em diversas cidades do Brasil e recebem em seus domicílios, em média, oitocentos títulos por ano, enviados por editoras brasileiras. Em linhas gerais, o percurso de avaliação de obras inscritas no prêmio ocorre da seguinte maneira: a primeira etapa compreende momentos de leitura e de pré-seleção dos livros e, ao final desta etapa, são escolhidos os livros Altamente Recomendáveis. A segunda etapa é a que define o prêmio em cada categoria. O leitor votante tem de ler todos os livros Altamente Recomendáveis e escolher três em cada uma das vinte categorias; e, como justificativa para o voto, ele deve elaborar um parecer sobre

gorias: Criança; Jovem; Imagem; Tradução/adaptação criança; Tradução/adaptação jovem; Tradução/adaptação informativo; Tradução/adaptação conto; Informativo; Poesia; Livro Brinquedo; Teatro; Teórico; Reconto; Literatura em Língua Portuguesa. Além destas categorias, há os prêmios para: Escritor Revelação; Ilustrador Revelação; Melhor Projeto Editorial; Melhor Ilustração.

3 O *Notícias* é um suplemento mensal publicado pela FNLIJ desde os anos 1990. O de nº 4, vol. 14, de abril 1992, traz um pequeno texto de Eliana Yunes que trata do processo de seleção do livro de literatura infantil e juvenil.

a obra. Tais justificativas devem analisar o objeto-livro em sua totalidade, isto é, tecer considerações sobre o texto, a ilustração e o projeto gráfico. Portanto, a originalidade do texto e da ilustração, o uso artístico e competente da língua e do traço, a qualidade das traduções, considerando o conceito de objeto-livro, que inclui o projeto editorial, são os critérios para avaliação do livro, em conformidade com o regulamento do prêmio.

Ainda no que se refere à avaliação de obras, numa perspectiva mais ampla, vimos que nem todo bom livro se torna um clássico e obras consideradas boas em determinada época não fazem parte de listas de recomendações. Sobre isto, Yunes (1992: s/p) alerta para o fato de que “as listas de selecionados, às vezes orientam vendas ao invés de leitores, e isto ocorre por uma deformação de mercado, (ainda) pobre em leitores”.

A concepção de leitura a que nos filiamos se integra ao discurso e tem como pontos fundamentais: a produção da leitura e a possibilidade de ela ser trabalhada; a leitura e a escrita como partes do processo de instauração do(s) sentido(s); o sujeito-leitor, suas especificidades e história, visto que sujeito e sentidos são determinados histórica e ideologicamente; e, ainda, o fato de que há uma multiplicidade de textos e possibilidades de leitura. Além de tudo isto, a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos que a leitura produz. Temos a convicção de que trabalhar com a análise do discurso nos permite observar materialidades enunciativas distintas contidas em palavras, imagens estáticas, filmes, programas televisivos, mídias digitais, dentre outras. Portanto, nessa dinâmica de leitura e análise, buscamos elementos que constituam uma formação discursiva acerca da literatura infantil. Para tanto, lançamos mão da versão digital⁴ dos pareceres/ justificativas de votos para o conjunto das obras premiadas na 42ª seleção anual do prêmio FNLIJ de 2016. De acordo com a secretária-geral da Fundação, o livretinho “é uma pequena publicação que tem como principal propósito contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores, além de divulgar os livros vencedores do prêmio” (Serra 2016: 2).

Em um contexto mais amplo, quando buscamos saber o que há por trás da crítica, percebemos que há um mercado editorial que controla a transmissão e produção de livros para criança, determinando valores e moral como uma estratégia de vendas. Entendemos que esse comportamento pode levar à produção de livros desprovidos de intensidade, confeccionados “só com a cabeça”, no fervor das oportunidades do momento social, nos quais a palavra é vazia, falta formação na área específica, educadores “vão na onda”, escolhem livros pelo “que está na moda”, na propaganda, ou os lançamentos, por exemplo.

Vimos, por outro lado, a produção do livro para criança, do ponto de vista da escritora Ana Maria Machado (2012: 77), que afirma ser a seguinte:

Sem fórmulas, recorrendo apenas à própria intuição criadora, à bagagem de leituras e às memórias das histórias ouvidas, esses autores foram estabelecendo uma linguagem em nossa literatura infantil que tem marcas próprias e constitui um dos rasgos dominantes de sua originalidade e qualidade. Afasta-se por completo dos modelos anteriormente consagrados, que eram

4 Os leitores votantes são chamados de especialistas, embora possuam o título de mestre e/ou doutor na área de Letras.

cheios de diminutivos, artificialismos linguísticos, preocupações com a correção gramatical e palavras abstratas grandiloquentes.

Além de Ana Maria Machado, diversos pesquisadores brasileiros vêm há muito tempo se dedicando à literatura infantil em nosso país: Zilberman, Yunes, Coelho,⁵ dentre outros. No campo acadêmico, muitas teses e dissertações tratam do tema, além de inúmeras publicações em revistas especializadas. Trabalhos desenvolvidos por pesquisadores internacionais, como Hunt, Nikolajeva, Powers e Linden são alguns dos mais notáveis nessa área.

É possível precisar que, desde os anos 1970, a produção literária para crianças e jovens tem crescido, evidenciando um experimentalismo com a linguagem, com a estrutura narrativa e com a valorização da imagem. Trata-se de um processo de ruptura de modelos consagrados que traz, como resultado, uma literatura mais inquietante e questionadora, capaz de elevar as discussões sobre as relações convencionais da criança com o mundo. De acordo com Coelho (1995), para que possamos compreender o que caracteriza a literatura infantojuvenil contemporânea, alguns aspectos devem ser mencionados:

- a) a consciência do poder da palavra como nomeadora, construtora ou ordenadora do real. Em outros termos, a palavra permite que seres humanos expressem emoções, percepções, tornem-se reais;
- b) o confronto do pensamento racional, humanista e conceitual com o pensamento mágico (alimentado pela fantasia, pelo imaginário ou pelo sonho), com o qual o pensamento infantil tanto se identifica;
- c) o desmoronamento de conceitos e valores herdados de uma tradição. Simultaneamente, a busca das origens ou das ideias primordiais, totalmente esquecidas pela civilização ocidental;
- d) a natureza livresca de nossa civilização embasa uma valorização do livro e da vida como mundos à parte, mas essencialmente interdependentes. Nesse sentido, o livro tem sido encarado como um elemento facilitador da leitura de mundo, que pode diferir de leitor para leitor e uma revolução se processa no âmbito da percepção e do conhecimento humanos, provocando uma mudança de paradigma que é saber onde está a fronteira entre sujeito e objeto.

1. Em busca de um diálogo: literatura infantil & análise do discurso

Neste ponto faz-se necessário tratar dos conceitos de discurso, enunciado, formação discursiva e suas relações com a literatura, não sem antes termos uma noção de como está estruturada a vasta obra de Michel Foucault. Dos textos lidos, pôde-se depreender o seguinte: i) na década de 1960, os estudos foucaultianos dão ênfase ao saber, campo de estudo denominado de *arqueologia*; ii) na década de 1970, o poder é ponto central de seus trabalhos, isto é, a *genealogia*; e iii) os últimos trabalhos realizados por Foucault são os denominados *arque-genealógicos*, que tratam de questões ligadas às tecnologias *de si* e do *sujeito*. Seu trabalho com a literatura “seguiu os deslocamentos temáticos de suas pesquisas”. Foucault relaciona a literatura à loucura, à morte, às questões gerais enfrentadas pelo

5 Versão digital do livreto com as justificativas de votos extraída do *site*: www.fnlij.org.br.

homem na modernidade. Para o autor, a literatura é uma espécie de amálgama da criação literária e seu interesse transcende as análises arqueológicas, genealógicas. Seus textos sobre a literatura consideram as *práticas de si* como um estilo e, desse modo, extrapolam um eixo estritamente literário.⁶

E, na tentativa de enxergarmos uma luz que venha a aclarar o diálogo com Foucault e a literatura, lemos que “como outros discursos, a literatura possui um discurso dotado de regularidades, ela é ‘transgressão e simulacro’”.⁷

Sendo assim, entendemos que a literatura está na origem de outros discursos, ela permanece entre o dito e o que está ainda por dizer. Por isso, toda a sua complexidade exige múltiplos olhares, pois o discurso tem seu próprio funcionamento e seus “limites de aceitabilidade”. De acordo com o autor, é o discurso que domina o sujeito, portanto, vivemos em um sistema de interdições, no qual estão presentes “o discurso da ordem e o discurso da desordem [pois] não é possível falar qualquer coisa, nem atribuir a qualquer um o terrível poder de enunciar” (Foucault 1971: 14).

Para Foucault, não há *saber* sem *poder*, já que os saberes derivam das relações de poder. Em sua vasta obra, ele consegue articular diferentes áreas do conhecimento: a Filosofia, a Psicanálise, a Linguística, a Psicologia, a Pedagogia e a Literatura. Esta última, por exemplo, é por ele considerada um produto das relações subjetivas, não conseguindo, portanto, escapar das relações de poder e de saber. Sendo assim, a literatura é um instrumento para o leitor buscar seu espaço como criador/escritor, sujeito/leitor de (sua) história.

Desde as primeiras páginas de *A ordem do discurso* (1999), Foucault fala de desejos, inquietações, temores e suposições em relação ao discurso:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault 1999:8-9).

O autor segue refletindo sobre a sociedade e seus procedimentos de exclusão e interdição:

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ri-

6 Nelly Novaes Coelho é autora de *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

7 Literatura não é um dos temas mais discutidos nas obras de Foucault, entretanto podemos citar alguns artigos que colaboram para o entendimento do assunto neste trabalho:
FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: JZE, 2000.
FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, M. Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
Para Foucault, a literatura surge no final do século XVIII e início do século XIX. Para conhecer e aprofundar estudo nesta temática, ler MACHADO, R. Foucault, filosofia e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; Foucault, Linguagem e Literatura. In: R. Machado, Rio de Janeiro: JZE, 2000.

tual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault 1999: 9).

Pensando em nossa sociedade—onde, tantas vezes, somos pressionados, forçados a pensar e agir de uma forma, a seguir determinados padrões de aceitação e valoração—, podemos nos perguntar, por exemplo: Que relações de poder com o discurso os leitores votantes exercem? Pode uma resenha, um parecer sobre uma obra literária ser um exemplo de discurso controlado? Sobre isto, Foucault (1999: 22) nos alerta:

[...] pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Seguindo esse raciocínio, compreendemos que “as práticas discursivas são reguladas pela interdição ou não de sujeitos, visto que não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa em qualquer época ou lugar” (Coito 2003: 69). O discurso nada mais é do que

[...] a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault 1999:49).

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault reitera a ideia de que a unidade do livro, mesmo entendida como feixe de relações, não pode ser considerada como idêntica. Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão, por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra, sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos (Foucault 1995). Na mesma obra, o autor afirma que não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Entretanto, esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar

[...] além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (Foucault 1995: 31).

Sob esse prisma, a análise do campo discursivo é orientada de forma completamente diferente, já que seu propósito é

[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas

correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (Foucault 1995: 31).

É, pois, caminhando nessa direção que buscamos na Análise do Discurso (AD) ferramentas para pensar as questões relacionadas à linguagem, ao sujeito, ao mundo, ou, noutras palavras, compreendermos o papel da linguagem na constituição do sujeito e do sentido, um modo bastante diferente de abordagem, visto que à AD cabe a tarefa de

[...] tematizar o objeto discursivo como sendo um *objeto-fronteira* que trabalhamos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade linguística imanente, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento para a explicação de textos (Ferreira e Indusky 2007: 15, grifo dos autores).

Desse posicionamento, emerge a principal característica da AD, que é ser uma “teoria crítica da linguagem”, que se integra a outras áreas do saber como a psicanálise, o marxismo, a linguística e o materialismo histórico.

2. Desenvolvimento

2.1. O que qualifica um bom livro para criança, sob a ótica dos pareceristas?

Os livros não mentem nem mudam de tema para nos distrair; não nos mandam brincar quando temos vontade de chorar, nem batem a porta no nosso nariz. Fazem, apenas, nos “co-mover”: nos dão a permissão de sentir com os outros, nos emprestam a experiência, a longa experiência da espécie, para que possamos ver como os outros viveram; como se viraram para viver, como se defrontaram com situações que, no fundo, são tão pouco originais, tão humanas (Reyes 2012: 83-84).

Modernas teorias da leitura argumentam que o leitor exerce papel ativo no processo de interpretação e, interagindo com a obra em sua totalidade, ele vive a experiência de produzir sentidos, na qual as relações de interfaces nos textos, os movimentos socioeconômicos e culturais são desencadeadores de uma série de entrelaçamentos artísticos, discursivos, e tudo isto colabora para que o leitor se enriqueça da leitura à medida que dialoga com textos de outros tempos, espaços e seres humanos distintos. Sobre esse item, um questionamento será oportuno: Quais os limites da subjetividade, da (im)personalidade do leitor diante de uma obra?

Os leitores votantes⁸ escrevem pareceres sobre as obras segundo critérios estabelecidos no regulamento do prêmio pela FNLIJ. São os seguintes: a originalidade do traço e da ilustração e o projeto

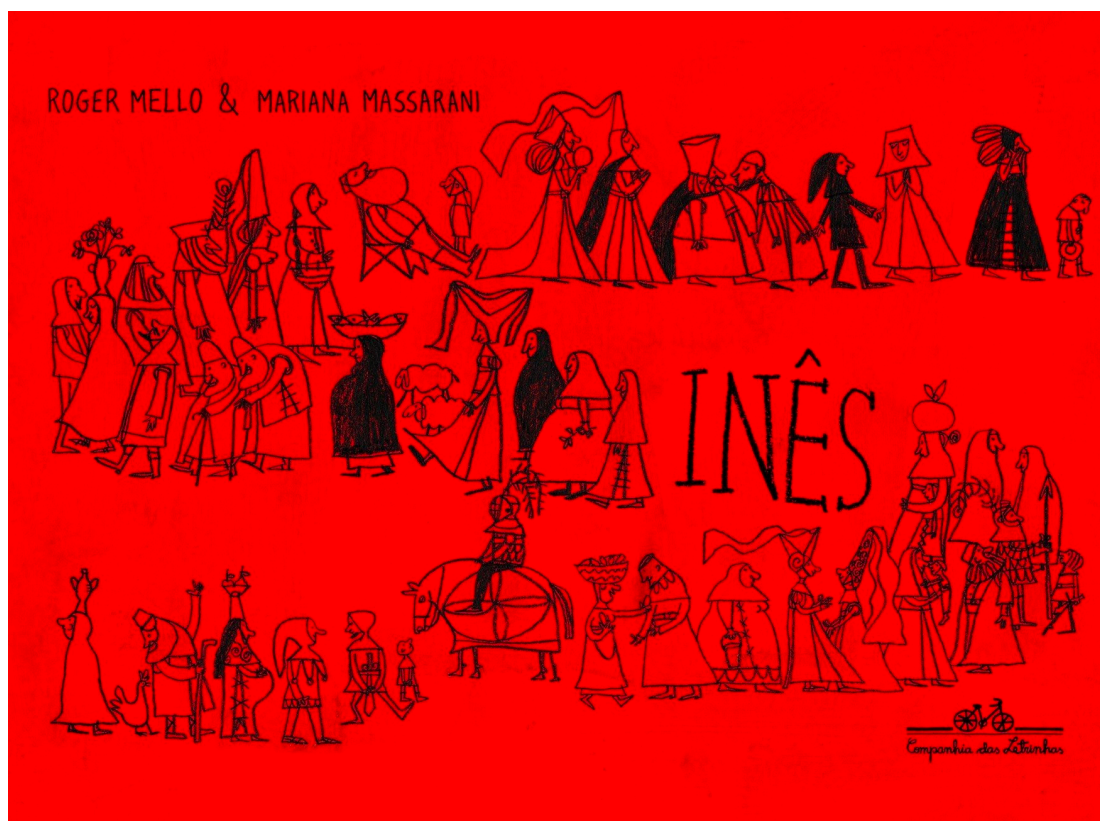
8 Neste artigo, o autor faz uma incursão pelos textos de Foucault nos quais o conceito de literatura é tratado. Almeida faz uma abordagem em que os elementos constitutivos da atividade de escrita, segundo Foucault, são: obra-linguagem-literatura.

gráfico e editorial. Porém, não se pode assegurar quais sejam os critérios na seleção de participantes dessa atividade de análise das obras. Quais são as regras e relações pertinentes a esse espaço? Como se dá essa articulação? São questões para as quais não temos resposta, pelo menos por enquanto. Entretanto, sabemos que esses pareceres fazem parte de uma ordem do discurso e eis que estão na ordem desse discurso os seguintes pressupostos: i) os leitores-votantes são considerados sujeitos competentes para assumir a palavra em relação a uma literatura de boa qualidade; ii) seus pareceres constituem acontecimentos discursivos; e iii) todo enunciado tem uma materialidade. Essa linha de análise considera a língua, a história e o sujeito e toma o discurso como ponto central na construção da vida social, visto que é no acordo do histórico com o linguístico que se constitui a materialidade específica do discurso.

2.2. Agora Inês... é viva em nossa memória!

FIGURA 1

A capa do livro - Inês



Inês (2015), de Roger Mello e Mariana Massarani, recebeu o prêmio FNLIJ Ofélia Fontes - O melhor livro para a criança (*Hors-Concours*) e o de Melhor Projeto Editorial, em 2016. Roger Mello foi laureado em 2015 com o prêmio Hans Christian Andersen, espécie de Nobel da literatura infantil, na categoria Ilustração.

A história de Inês de Castro⁹ data do século XIV (1325-1355). Conta que Inês foi assassinada a mando de Dom Afonso IV e que, após a morte do pai, o príncipe Dom Pedro I deserterrou sua mulher, oficializou o casamento e ordenou um beija-mão no reino. Foi esse fato histórico que deu origem à expressão “Inês é morta”. Trata-se de uma história de amor e traição que culmina em tragédia, em um tempo de reis, rainhas, príncipes, princesas, castelos, súditos, adagas. Um enredo que, ao mesmo tempo que nos remete aos contos de fada tradicionais, nos liga a um fato atual, que é uma novela de época, exibida no horário das dezoito horas, pela Rede Globo (em 2017) – “Novo Mundo,” é uma aventura romântica ambientada no Brasil do século XIX, entre 1817 e 1822 que (re)apresenta ao telespectador uma sequência de aventuras e conflitos em um cenário social conturbado por questões políticas e enlances amorosos. Evidentemente que nem tudo é novo, nem é só ficção. A trama novelística trata de preconceitos, amores proibidos, lutas pelo poder, intrigas, traições, revoltas, vinganças, amor e morte. Pode ser uma volta ao passado numa versão atual e contextualizada.

A leitura de Inês permite ao leitor um retorno ao século XIV, numa atmosfera de luta pelo poder que predominara na época, com situações de confronto: a mentira e a verdade, a obediência e a desobediência, o amor e a traição, a revolta e o silêncio, a justiça, a crueldade. Tudo isto que (não) ficou no passado. Ainda vigora nos dias atuais.

2.3. Sobre a concepção de Ser criança: o que mudou?

Temos em mente que a construção de um conceito não é algo natural, tampouco irreversível ou estático, o que significa dizer que há possibilidades de intervenções, mudanças, avanços, tudo efeito de “alianças”, ligações que geram uma reconstrução histórica. Se o sujeito que nos interessa é a criança, buscamos respaldo em Ariès (1981), Deleuze (1997), Hunt (2010), além de outros estudiosos da literatura infantil no Brasil e fora dele. O que buscam os estudos nas diversas áreas do saber é interpretar os rastros/marcas deixado(a)s sobre/pela criança sob a forma de enunciados científicos, esculturais, pictóricos, fotográficos, etc. Distinções e aproximações no tocante à criança perpassam a obra de Foucault, (in)diretamente quando o autor faz análise dos extratos históricos,¹⁰

9 São vinte e três membros votantes, que atuam como críticos literários; a maioria tem o título de doutor, atuantes na área de Letras e/ou Pedagogia.

10 Versões da história de Inês de Castro podem ser consultadas em diversos *sites*. Conta-se que Inês de Castro foi uma nobre descendente do rei Sancho I de Aragão. Nasceu na Galícia, era filha de Dom Pedro Fernandes de Castro, mordomo-mor do rei Dom Afonso XI de Castela e de uma dama portuguesa, Aldonça Lourenço de Valadares. Com o casamento de Pedro I, filho de Dom Afonso IV de Portugal, com D^a Constança, descendente da família nobre de Castela, esperava-se a manutenção da linhagem nobre. Contrariando esta expectativa, Pedro e Inês se tornaram amantes e se casaram (dizem que clandestinamente) após a morte de D^a Constança. O casal teve quatro filhos: Afonso, Dinis, João e Beatriz, o que provocou intrigas na corte portuguesa quanto aos direitos sucessórios do neto de Dom Afonso IV, Fernando. Pedro subiu ao trono em 1357 e vingou-se da morte da amada, mandando matar os homens encarregados de assassinar a amante, pelo pai. “A dois deles foram arrancados o coração. Apenas um foi perdoado, porque se tratava de um amigo de infância, mas foi exilado”. D. Pedro I ordenou que os restos

por exemplo. Em *Vigiar e Punir* (2009), o autor explica como ocorreu a transposição de uma sociedade de soberania¹¹ para uma sociedade de controle.¹²

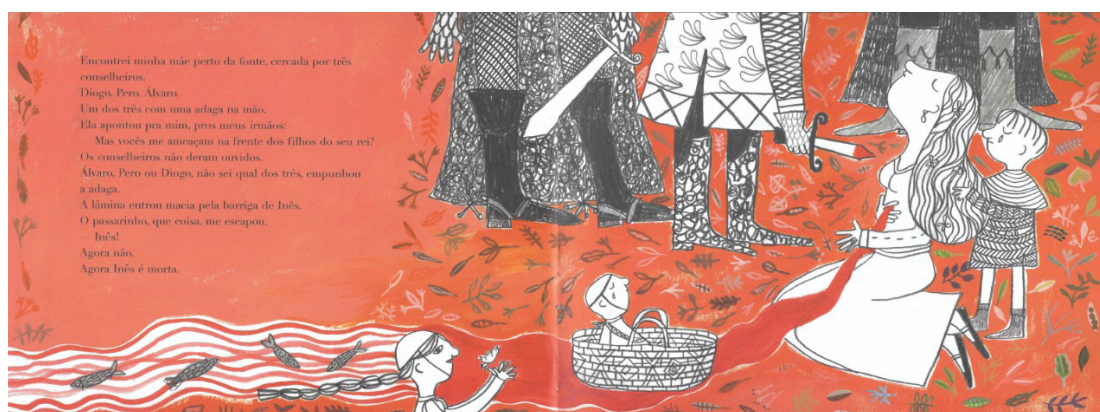
Da Antiguidade à Idade Moderna passando pela Idade Média, evidentemente, que houve avanços no que concerne à concepção de criança e sua afetividade no convívio social. Possivelmente, isto ocorre devido à aplicação de técnicas disciplinares e mecanismos de expressão, o que, de certo modo, é perceptível na atualidade.

Beatriz, protagonista/narradora da história de Inês de Castro, assume duplo papel na história: ela é a filha que vê a mãe sendo morta: “— Ela apontou pra mim, pros meus irmãos: — Mas vocês me ameaçam na frente dos filhos do seu rei?” Noutros momentos ela é a criança que descreve situações da narrativa com distanciamento, quando, por exemplo, ela se refere à Inês como a rainha que foi coroada depois de morta: “— Vejam só o corpo de Inês seguindo num cortejo pra Coimbra”.

Convém salientar que o livro *Inês* não é paginado, por isto apresentamos a seguir a imagem associada ao referido texto verbal.

FIGURA 2

A morte de Inês



Encontrei minha mãe perto da fonte, cercada por três conselheiros.

Diogo, Pero, Álvaro.

Um dos três com uma adaga na mão.

mortais de Inês fossem transferidos do mosteiro de Santa Clara para Alcobaça, com pompas de realeza. Sabe-se que a história de Inês foi tema de peças teatrais, de pintura e de alguns versos de *Os Lusíadas*, de Camões (https://www.ebiografia.com/ines_de_castro/).

11 Para aprofundar estudos sobre as relações de saber, poder e processos de subjetivação: *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento* – Coleção Ditos e Escritos, Vol. II – Tradução de Elisa Monteiro – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

12 Sociedade de controle, de acordo com Foucault, é a sociedade atual, com suas práticas disciplinares “diluídas no social” (Cf. *Vigiar e Punir*, 2009).

Ela apontou pra mim, pros meus irmãos:
— Mas vocês me ameaçam na frente dos filhos do seu rei?
Os conselheiros não deram ouvidos.
Álvaro, Pero ou Diogo, não sei qual dos três, empunhou a adaga.
A lâmina entrou macia pela barriga de Inês.
O passarinho, que coisa, me escapou.
— Inês!
Agora não.
Agora Inês é morta.

Em geral, nos livros produzidos para criança, além dos aspectos formais, vimos com que esmero ilustradores e *designers* gráficos investem nas produções transcendendo o convencional, trazendo o original, o inusitado; possivelmente pelo desejo do autor de que a obra se eternize, deixando sua marca na contemporaneidade.

Ao leitor deste trabalho, um convite para nos acompanhar na leitura dos pareceres.

Capa dura, em vermelho forte, e folhas de guarda com imagens a bico de pena em preto, o livro tem papel de altíssima qualidade, gramatura excelente, em páginas de diferentes cores, com imagens cujas tonalidades refletem o estado de espírito da personagem. O projeto Moritz editorial completa-se com um paratexto – assinado por Lilian Moritz Schwarcz – que contextualiza os fatos e explica a expressão “Inês é morta”, desconhecida para muitos que dela fazem uso (AM).

O leitor votante (AM) realça o valor do livro como objeto físico mencionando a cor, papel, tonalidades e gramatura:

Desde criança ouço o ditado, “a Inês é morta”, para quando a situação está irremediavelmente perdida. No entanto, nunca soube de onde vinha a expressão e o porquê dela existir (MC). Roger e Mariana nos brindam com uma linda história e poeticamente me explicam a expressão, que há muito me acompanha. O livro é muito bem produzido e traz os traços humorados e inconfundíveis de Mariana Massarani (MC).

[...] O autor nos contagia com suas palavras. Inevitavelmente somos levados a outros amores impossíveis, a palavra de outros autores como Camões ou Bocage. Até mesmo Shakespeare.
[...] Assim flui a narrativa (MB).

O leitor votante “viaja” pelas páginas do livro e nessa aventura revive suas histórias de “amores impossíveis”, enquanto associa esta a outras narrativas de autores, como Camões e Shakespeare, considerando fluente a narrativa. Quanto ao projeto editorial, a leitora votante diz:

O projeto gráfico do livro merece destaque pela gramatura do papel, capa dura e costura bem realizada. As ilustrações de Massarani, com tinta PVA e lápis 6B, são elaboradas de forma exitosa (ED).

Inês, a nova obra de Roger Mello e Mariana Massarani, resgata a história da rainha Inês de Castro, coroada depois de morta, com uma poesia e uma ternura tamanhas, tocando-nos a

todos, como toda obra verdadeiramente literária. A narrativa carrega a força das muitas histórias de amor proibido e é apresentada pela voz da personagem Beatriz, filha de Inês e Pedro, que ainda por nascer conduz o texto com franqueza e delicadeza tão próprias das crianças. As ilustrações e o excelente projeto gráfico acompanham a ternura do texto verbal, corroborando seu tom poético. Oxalá tivéssemos mais Rogers e Marianas para nos trazer à luz, com tanta sensibilidade, histórias tão bonitas como essa (CS).

O LV reconta a narrativa, enfatizando a presença da personagem Beatriz: — “Com franqueza e delicadeza conduz o texto”. O leitor confere “excelência ao projeto gráfico”, e no tocante às ilustrações: — “Corroboram o tom poético e acompanham a ternura do texto verbal”:

No livro *Inês*, Roger Mello e Mariana Massarani tematizam a história de amor de Dom Pedro I e Inês de Castro, com quem teve quatro filhos fora do casamento. Assassinada em 1355, a mando de d. Afonso IV, após a morte do mesmo Inês é trazida por D. Pedro I para Portugal, oficializando o casamento com a morta. Daí o ditado tantas vezes dito quando algo não acontece a contento: Inês é morta. Escrito de forma sensível, vamos conhecendo essa história de amor impossível pela voz de Beatriz, menina, filha de Inês, que indaga e revela ao leitor os fatos acontecidos (ED).

Acompanha o relato narrativo um paratexto de Lilian Moritz Schwarcz que traz ao leitor informações do amor sem medida entre d. Pedro I e a ama de sua esposa, rainha Constança. O projeto gráfico do livro merece destaque pela gramatura do papel, capa dura e costura bem realizada. As ilustrações de Massarani, com tinta PVA e lápis 6B, são elaboradas de forma exitosa (ED).

Cremos que a imagem de um livro no psiquismo da criança pode se estender por toda a vida e, na perspectiva de que tanto a imagem como a escrita acolhem múltiplas interpretações, o leitor tem a chance de posicionar-se, visto que “o enunciado, diferentemente de uma frase ou um ato de fala, caracteriza-se por ser produzido por um sujeito (função enunciativa), que fala de um dado lugar e é determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado” (Gregolin 2006: 89).

É preciso ressaltar que, ao descrevermos esse conjunto de enunciados, não temos a pretensão ou o propósito de considerá-lo “uma totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada” (Foucault 1995: 144). De acordo com o autor:

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação [...] (Foucault 1995:32).

De acordo com Foucault, a análise dos enunciados se efetua como o conjunto das coisas ditas, as relações, as regularidades e as transformações que podem ser observadas, o domínio do qual certas figuras e entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante [...]. E o que ele diz não

é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade. A análise enunciativa supõe, portanto, que se levem em consideração os fenômenos de recorrência. Tendo em vista que “todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas (Foucault 1995: 142-143).

Trazendo para os dias atuais, em nossa sociedade onde o discurso continua controlado, selecionado, organizado etc., é importante que saibamos articular o conceito de “devir-criança”. É em Deleuze (1997) que nos apoiamos para articular uma possível compreensão do assunto. Em *O que as crianças dizem*,¹³ Deleuze (1997: 83) afirma: “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica.” A ideia de que “um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos”, defendida por Deleuze, traz como exemplos:

[...] a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercados, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. O mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento (Deleuze, 2011:83).

Creemos que é urgente aderirmos a uma concepção de infância e/ou de criança que tome outros parâmetros e não os de faixa etária ou ideias infantilizadas. A criança é um Outro, com todas as possibilidades e capacidades expressivas. Criança é construção social, coletiva, mutável, que se desenvolve ao longo dos anos, décadas e séculos. Noutras palavras, podemos dizer que, de forma paulatina e processual, a concepção de ser criança vem mudando.

3. Palavras finais

Fundamentalmente, neste trabalho, propusemo-nos a conhecer algumas noções presentes na obra de Foucault no tocante ao discurso: enunciado e formação discursiva. Além disso, buscamos compreender o discurso dos pareceristas no que refere às concepções de leitura e criança. Vimos que a elaboração e feitura do livro para criança é complexa e sua singularidade é inegável. Porém, ainda carece de análises mais rigorosas nas quais os elementos: imagem, texto, funções, relações, devem ser integrados vislumbrando, então, “suas linhas de força” e ressaltando suas particularidades.

Nesta abordagem destacamos o livro *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani. Nela, palavra e imagem fundem-se, complementam-se, interpenetram-se, agregam e incorporam dados da infân-

13 Para manter o anonimato dos leitores votantes, usamos duas letras do nome de cada leitor votante (tal como aparece na página da FNLIJ, de onde o *corpus* foi extraído) e as letras LV quando empregadas ao longo deste texto para nos referir ao leitor votante.

cia, da criança, do sujeito leitor de toda idade. Vale ressaltar que concebemos infância como uma representação simbólica capaz de organizar e legitimar impressões e expressões do leitor quando ele reaviva lembranças, histórias e emoções servindo-se disto para manifestar sua crítica sobre o literário. As expressões: “desde criança”; “há muito me acompanha”; “nunca soube de onde vinha a expressão”, dentre outras, deixam transparecer que o leitor adulto se reporta ao seu tempo de criança. Quem sabe sejam possibilidades, “brechas” indicando que novos sentidos e/ou significados deem à criança o lugar de protagonista de histórias ficcionais, o que pode repercutir na vida real.

Os pareceristas dão ênfase ao trabalho do autor: “O autor nos contagia com suas palavras”; “Assim flui a narrativa: fantasia e realidade”; “Escrito de forma sensível”; “Com uma poesia e uma ternura tamanhas”; “ternura do texto verbal”; “Tom poético”; “leveza e ludicidade”; “franqueza e delicadeza tão próprias das crianças”.

Compreendemos que o trabalho de elaboração de pareceres é um modo de textualizar impressões, sentidos, mas que tal prática discursiva deve ser articulada teoricamente, caracterizada por uma dinâmica da palavra literária, ou seja, de um discurso literário, que pode surgir do/no cruzamento de diversas texturas polifônicas. Fundamentalmente, a leitura e a escrita têm a ver com a vida; e a atividade discursiva que se inicia em uma obra a ela retorna, na forma de reintegração de saberes, na qual a tônica é despertar o olhar múltiplo do leitor.

Portanto, encaramos que a nossa vida é uma sucessão de gestos que outros inauguraram e que nós repetimos, transformamos e dotamos de sentido. Por certo, que cada criança consiga, entre o dado e o possível nas páginas dos livros, inventar sua própria vida, tendo em vista que a literatura é produzida em um interstício de linguagens envolvendo as experiências do escritor, misturadas às diversas leituras. Sendo assim, ela constitui um espaço capaz de oferecer diferentes olhares sobre a atualidade sociocultural, tornando-se um campo de pesquisa privilegiado sob diversos aspectos, inclusive a subjetividade. Neste sentido, vimos que o discurso dos leitores votantes é, como tantos outros discursos, atravessado por relações de identidade e pluralidade, de saber e poder. Espaços outros que podem servir de metáfora à leitura da literatura no contexto atual, em que obras são selecionadas, premiadas e passam a im(com)por listas de livros recomendados à leitura no contexto escolar e cultural.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, L. P. 2008. O conceito foucaultiano de literatura. *Filosofia Unisinos*, 9 (3), set./dez, 269-280.
- ARIÈS, P. 2014. *História Social da Criança e da Família* (Tradução de Dora Flaksman). 2. ed. (reimpressão) Rio de Janeiro: LTC.
- BARTHES, R. 2004. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.
- COELHO, N. N. 1995. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. São Paulo: EDUSP.
- COITO, R. F. 2003. *Uma leitura inquieta: o leitor infantil nos mistérios de Clarice Lispector*. Araraquara. Tese (Doutorado). UNESP. Araraquara.
- DELEUZE, G. 2011. *Crítica e Clínica*. 2. ed. (Tradução de Peter Pál Pelbart). São Paulo: Editora 34.

- FOUCAULT, M. 1995. *A Arqueologia do Saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. 1999. *A ordem do discurso* (tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). 5. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- FOUCAULT, M. 2003. *Ditos e escritos: ética, estratégias, poder-saber*. (Organização de Manoel Barros da Motta). Tradução de V. L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. 2009. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. 36. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- GREGOLIN, M. R. 2006. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2. ed. São Carlos: Claraluz.
- HUNT, P. 2010. *Crítica, teoria e literatura Infantil*. São Paulo: Cosac Naify.
- INDURSKY, F. e FERREIRA, M. C. L. (orgs). 2007. *Michel Pêcheux & Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz.
- MACHADO, A. M. 2012. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna.
- MELLO, R. e MASSARANI, M. 2015. *Inês*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- REYES, I. 2012. *Ler e brincar, tecer e cantar. Literatura, leitura e educação*. São Paulo: Pulo do Gato.
- SERRA, E. D. 2016. [Disponível em www.fnlij.org.br]. Justificativas dos votantes (Apresentação). *Prêmio FNLIJ 2016 produção 2015*.

MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA é pós-doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Araraquara-SP. Doutorado em Educação Brasileira – (Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança) pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – (Metodologia de Ensino). Graduada em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Professora Associado I da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia/CCSST, Imperatriz-MA. Publicou: *Leituras sobre a criança que lê* (2013); *Professor-leitor: de um olhar ingênuo a um olhar plural* (2007), *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias* (três edições: 2000, 2003 e 2009).

E-mail: terezabomfim@icloud.com.